

Glossário Coletivo *de enfrentamento ao* Idadismo

SEGUNDA EDIÇÃO

REVISTA E AMPLIADA

#LUGAR
DE PESSOA
IDOSA
É ONDE ELA
QUISER

Um projeto



Longevida

CONSULTORIA NA ÁREA DO ENVELHECIMENTO

Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo
1ª e 2ª Edição - 2021/2022

Idealizadora e Coordenadora Geral

Sandra Regina Gomes

Elaboração

Katia Fonseca – Jornalista – MTB 15.976

Revisão

Claudio Roberto da Silva Marques – Jornalista – MTB 15.563

Colaboração

Maria Aparecida Cruz de Souza – Assistente Social

Assessoria de Imprensa

Katia Brito – Jornalista – MTB 41.797

Articulação do projeto e Produção Geral

Karen Garcia de Farias

Contribuição Técnica

Luanna Roteia

Articulação e Divulgação

Silvia Triboni

Cartunista

Marcio Lobo

Design Gráfico

PNZ Comunicação

Fabian Ponzi

2022 - Editora Recriar
Rua Diogo Moia, 296, Umarizal
CEP: 66055-171 - Belém/PA
Telefone: (91) 4009-8500
contato@cynthiacharone.com
Prefixo Editorial FBN: 80084

Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo
1ª e 2ª Edição - 2021/2022
ISBN : 978-65-994747-2-9

ÍNDICE

Prefácio	4
Apresentação	7
Palavras e expressões	11
Frases preconceituosas	19
Depoimentos	51
Mapa de parceiros	71
Parceiros	72

PREFÁCIO

Trago em mim todas as idades

Abro este glossário com a palavra de uma longeva poetisa, Cora Coralina, que já passou para a eternidade. Creio que ninguém melhor do que ela pode nos representar neste momento da vida em que disse peremptoriamente: "É preciso decidir!". É disso que se trata! E o digo, repetindo-a, porque é tomando decisões que tento levar a vida como uma pessoa de 84 anos. De um lado, a tentação de me tornar objeto do imaginário social preconceituoso sobre o envelhecimento, que o glossário traz. De outro, situo-me como sujeito, um sujeito vivo e atuante, pensando em todas as formas positivas de me posicionar no convívio intergeracional.

Disse Cora Coralina:

"É preciso decidir!

Eu não tenho medo dos anos e não penso em velhice.

E digo pra você, não pense.

Nunca diga estou envelhecendo, estou ficando velha. Eu não digo.

Eu não digo que estou velha, e não digo que estou ouvindo pouco.

É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso.

Procuro sempre ler e estar atualizada com os fatos

e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida.

O melhor roteiro é ler e praticar o que

se lê.

O bom é produzir sempre e não dormir de dia.

Também não diga pra você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais.

Nunca diga: estou doente, diga sempre: estou ótima.

Eu não digo nunca que estou cansada. Nada de palavra negativa.

Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida, mais esquecida fica.

Você vai se convencendo daquilo e convence os outros. Então silêncio!

Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha, não. Você acha que eu sou?

Posso dizer que eu sou da terra e nada mais quero ser.

Filha dessa abençoada terra de Goiás.

Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu, para exercerem seus direitos.

Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar, todos os dias, minha própria personalidade,

despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto,

pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.

Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende.

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir."

Nas palavras de Cora Coralina se encontram mais energia e verdade do que eu poderia oferecer aos leitores: na vida até a morte, o mais importante é decidir de que lado nós queremos estar: da queixa ou da ação, da vitimização ou da construção! Falar mal dos idosos, desejar que desapareçam, fazer troça de suas limitações sempre existiu e faz parte da história da humanidade. Portanto, nada de novo se os jovens e adultos dizem que nosso tempo já passou e que estamos aqui fazendo hora extra.

Primeiro, é preciso dizer que, se estamos vivos, nosso tempo é aqui e agora – ele não passou -, com a diferença de que, em nosso corpo, mente e coração carregamos a experiência de todas as idades. É fundamental também mostrar o que podemos e fazemos - e é muito. No Brasil de hoje, o futuro é dos mais velhos: um segmento social diverso e

pujante, com a maior parte das pessoas contribuindo financeiramente para manter suas famílias, trabalhando, atuando socialmente para o bem comum e posicionando-se politicamente para a construção do país. Cabe a nós – não esperemos isso dos outros - pedir passagem, exigir respeito, reafirmar nosso lugar, evidenciar nossa contribuição e vocalizar nossas necessidades.

Portanto, não aceitemos essa história de velho como problema, pois somos um grupo social produtivo, carregado de esperanças, ainda que demandando cuidados. Queremos exercer nossas habilidades, tomar nossas decisões e viver de forma autônoma. Fiquemos com Cora Coralina: "Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu, para exercermos nossos direitos. Sei que alguém vai ter que nos enterrar, mas que não sejamos nós".

Ao mesmo tempo, sabemos de nossas limitações e precisamos da solidariedade intergeracional. Há um percentual pequeno de idosos que são frágeis, dependentes e em maioria pobre, muitos deles vivendo sozinhos. Sua situação exige uma posição do Estado, da sociedade civil e não apenas do cuidado da família. Entre o que a sociedade nos deve, está a elaboração de uma política específica e generosa para os que vão perdendo a autonomia ou estão acamados. Todas essas pessoas são pais, mães, tias ou avós que deram tudo de si pelo país e pela família, e merecem respeito e retribuição para que não deixem este mundo na solidão e no esquecimento.

Por fim, é muito importante que as pessoas idosas estejam bem com sua família, com seus amigos, amigas e vizinhos e convivam com os mais novos e os diferentes. A pior coisa que pode acontecer a um idoso é ele se auto isolar. Ao contrário, ele precisa exigir seu lugar nesta sociedade tão complexa e tão diversa. E que nos perdoem os que não apreciam os mais velhos e os querem fora do jogo da vida. Eles também serão longevos um dia. Isso é certo, pois a população acima de 80 anos é a que mais cresce no Brasil. Por tudo o que foi

dito, se me permitem um conselho, digo que ouçam o ressoar da Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento da ONU de 2002, realizada em Madrid, onde dois princípios muito importantes foram consagrados no mundo: "Uma sociedade para todas as idades", slogan que chama atenção para a inclusão e a convivência intergeracional; e "Nada sobre nós, sem nós!", que conclama os idosos à participação em tudo que lhes diz respeito.



MARIA CECÍLIA DE SOUZA MINAYO

Pesquisadora emérita da Fundação Oswaldo Cruz

"É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes, como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica."

Professor Paulo Freire: livro Pedagogia da Autonomia – 1996 – pág. 136.

Nós, da Longevida e parceiros, iniciamos esta jornada com a campanha "Lugar de Pessoa Idosa é Onde Ela Quiser", em 2021, com o objetivo de cumprir a primeira ação proposta pela Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030), proclamada pela ONU: mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento.

Todos nós somos vocacionados ao diálogo, somos um movimento de muitas pluralidades, com pessoas que querem mobilizar, sensibilizar e engajar todos na construção de uma sociedade para todas as idades. Acreditamos que é com ações educativas que estimulamos a empatia e as trocas entre gerações, desmistificando estigmas e dando voz à pessoa idosa. E, para tanto, perguntamos: como essas pessoas se sentem ao serem alvo de frases ou comportamentos idadistas? Como superaram? Como enfrentam?



Idadismo/Ageismo/Etarismo – são palavras sinônimas que definem o preconceito pela idade, enraizado em nossa cultura e que afeta a saúde mental e física de pessoas, em especial a população idosa. É mais frequente do que imaginamos! Ele aparece em diferentes formas: na linguagem, nas atitudes preconceituosas, práticas e pensamentos

discriminatórios, condutas, políticas institucionais, que excluem ou limitam a participação da pessoa idosa. Está em todos os ambientes!

E, para combater essa discriminação, reunimos na primeira e segunda edição do **Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo**, palavras, expressões, frases e depoimentos que expressam o idadismo contra a pessoa idosa.

Coletamos extenso material e nos deparamos com preconceitos em diferentes instâncias que nos fazem refletir, como nos exemplos que se seguem.

- Em relação aos mais novos, no olhar de um jovem que se reconhece idadista:

"Infelizmente, todos nós, que não chegamos a terceira idade, estamos fadados ao preconceito. Eu mesmo, inúmeras vezes, me direcionei aos idosos como se fossem crianças, com diminutivos e até entonação infantilizada da voz. Apesar de nunca ter ouvido ou notado alguma desaprovação por parte deles, sei que no fundo eles se sentem incomodados com isso, afinal são seres humanos com uma longa bagagem de vida e não pessoas que acabaram de nascer" (Clayton Rodrigo Borges Júnior, 22 anos, Mogi Mirim/SP).

- Ou em um desabafo de uma pessoa com 58 anos:

"Após um ano e meio de minha aposentadoria na Rede Pública Municipal de Porto Alegre, aos 57 anos e 3 meses, comecei a dar aula na Rede Pública Estadual (RS). Em pouco tempo, estava adaptada à nova escola, bem como tendo um bom relacionamento com os colegas. Na escola, há "variedade" de idades. Professores (as) quase se aposentando, assim como outros em início de carreira. Converso com todos (as). Nós nos chamamos pelo nome. Ou pelo pronome "tu". Não entendo o motivo pelo qual há uma professora que, ao se dirigir a mim, usa o termo "a senhora". A referida colega é mais jovem que eu, porém, há outros (as) mais jovens que ela na escola. Me parece totalmente fora de propósito essa forma de tratamento. Afinal, somos, ambas, professoras. Nem a diretora e os vice-

diretores são chamados de "senhora" e "senhor". Imagino que ela deva me achar com aparência envelhecida... Mas não tem nada a ver". (Clarice dos Santos Prates, Porto Alegre/RS).

- Em um preconceito etário:

"Por ter 37 anos de idade hoje e ter começado a investigar fenômenos relacionados à aposentadoria, idadismo, longevidade e diversidade etária desde os 23, com frequência escutei comentários do tipo: 'É você a palestrante? Oi? Você é a instrutora do curso? Risos... Só se for para abordar a teoria, né, moça?' Ou ainda: 'Nossa, mas você é tão jovem e bonita... por que decidiu estudar/atender os velhos?' É horrível, mas já escutei isso dezenas de vezes. E, por isso, meus conteúdos são recheados de exemplos de pessoas 50+ que atendi nos últimos 14 anos e de teorias que conheci no mestrado e doutorado, para que a minha voz seja ouvida com respeito e credibilidade. Envelhecimento é processo e foi justamente para compreender melhor situações que pessoas que eu amo estavam enfrentando, e que eu ainda não enfrentei (como aposentadoria e menopausa, por exemplo), que eu me senti ainda mais motivada a ajudar várias. Pertencer ao grupo minoritário não significa automaticamente se tornar um especialista na luta, a favor dos seus direitos. Se assim fosse, não existiriam pessoas negras racistas ou mulheres machistas. Elas existem. Assim como existem pessoas 50, 60, 70, 80+ que são, infelizmente, idadistas. Por que o velho(a) é sempre o outro. Já parou pra pensar nisso?" (Juliana Seidl, 37, Brasília/DF).

O Glossário Coletivo de

Enfrentamento ao Idadismo, que é uma ferramenta educativa para sensibilizar a sociedade, parte do pressuposto de que a construção social da velhice se faz numa perspectiva interacionista e colaborativa, como nos ensina o professor Paulo Freire (1996):

"O diálogo cria base para a colaboração".

Inspiradas pelo nosso Patrono da Educação criamos estratégias pedagógicas para a utilização deste Glossário em ações educativas que contemplem a promoção do envelhecimento saudável e cidadão em escolas, universidades e serviços de atendimento à pessoa idosa, em consonância com o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei Federal 10.741, 01/10/2003):

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa idosa, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Nesta segunda edição do Glossário, procuramos ouvir as pessoas idosas das cinco regiões do Brasil para conhecer as diferentes formas de a nossa língua expressar o preconceito ancorado em vários estereótipos: improdutividade, dificuldade de aprendizagem e incapacidade, além de aspectos em relação à interseccionalidade (gênero, raça, classe, religião, deficiência...).

Mas cabe destacar que foram nos depoimentos que tivemos maior

representatividade regional, demonstrando o quanto as palavras e expressões ainda não são percebidas e classificadas como preconceituosas pela população, em especial pelo público idoso.

Diante do exposto, para combater o idadismo, é essencial identificá-lo e perceber como ele se expressa, por palavras e frases, pois muitas vezes, como vimos acima, não percebemos no nosso dia a dia. Desta maneira, esperamos que a contribuição do **Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo** seja a de levar a consciência de nossa linguagem idadista e através dela mudar como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento.

Nesse momento, nos reportamos aos ensinamentos de Michel Foucault (1995):

"O cuidado com a linguagem também faz parte da construção da sociedade inclusiva."

Fontes:

Estatuto da Pessoa Idosa - LEI No 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

Década do Envelhecimento Saudável nas Américas – 2021-2030

<https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>



SANDRA REGINA GOMES
Diretora da Longevida

Dezembro/2022

"Lugar de pessoa idosa é onde ela quiser"



LOBET



PALAVRAS E EXPRESSIONES

Ainda Este advérbio é muito comum quando supostamente se quer elogiar uma pessoa idosa, mas parte da ideia preconceituosa de que uma pessoa de 60 anos ou mais não tem condições de exercer com autonomia o que desejar. Sugere que a pessoa idosa tenha que renunciar à vida e ficar confinada em casa. O "ainda" está presente em frases como: 'ainda dirige com essa idade', 'ainda trabalha com essa idade', 'ainda viaja com essa idade' etc.



Bonitona para a sua idade

Bonitona para a sua idade: se usada de modo pejorativo, significa surpresa pela boa aparência da mulher idosa.

Cacaria Refere-se a coisas velhas, sem uso, quebradas ou mal conservadas. No que se refere à pessoa idosa, diz-se quando estão vulneráveis ou fragilizadas. Muitas vezes, se fala que uma pessoa está "virada num caco", é um "caquedo". Ou seja, compara a velhice a um caco, algo que já não tem mais vida ou não cumpre mais um propósito. Existem, também as variações: caqueirada, caco, cacaredo e caquedo.

Cacura Usada no meio LGBTQIA+ para desclassificar o homem idoso. Palavra usada para discriminar homossexuais com faixa etária maior ou semelhante aos 40 anos.

Caduco A palavra tem a conotação pejorativa de denominar alguém mentalmente perturbado pelo efeito do envelhecimento. E tornou-se uma maneira de deslegitimar muitos comportamentos ou a fala de uma pessoa idosa, quando não se concorda com ela.

Conservada Quando a aparência da pessoa idosa é mais jovem do que sua idade cronológica.

Coroa Modo pejorativo de classificar a mulher idosa.

Da antiga/Do tempo do onça

Quando usada em relação a uma pessoa idosa, é uma maneira de deslegitimar sua fala, o seu discurso, inferindo que sua expressão e ideias estão ultrapassadas

Dino ou Dinossauro Pessoa idosa considerada desatualizada ou que pertence a um passado distante; equivale à palavra "matusalém" ou "tutancamona".

Enxerida A pessoa idosa "perguntadeira" (que faz muitas perguntas).

Imprestável / Inútil / Incapaz

Pessoa idosa avaliada segundo possíveis limitações funcionais, físicas e/ou cognitivas.

Invisível A pessoa idosa ignorada, sua presença não é percebida.

Maricona Homem idoso com "trejeitos" femininos.

Melhor idade Sugere que a velhice seja uma fase sem problemas.

Mula velha, cabeçadas novas Expressa a ideia de que a pessoa velha é turrona, vive repetindo erros e só traz problemas e preocupações. Enquanto, como toda fase da vida, a velhice é marcada por desafios e oportunidades.

Passada/Ultrapassada A pessoa idosa que não ocupa um papel na atualidade, que está fora do contexto atual.

Peso social Considera a pessoa idosa como um ser improdutivo, que se sustenta à custa de quem trabalha.

Peso (para a família) Pessoa idosa que incomoda ou atrapalha o cotidiano de sua família por considerar que ela não mais tenha uma função.

Princesa, Rainha Usada pejorativamente quando se quer valorizar as mulheres idosas.

Tiazona Desclassifica o homem idoso com trejeitos femininos.

Traste Compara a pessoa idosa a um objeto sem utilidade.

Traveco encachado Desclassifica o travesti idoso e solteiro.

Tutancamona Usada no meio LGBTQIA+ para desclassificar o homem idoso. Pessoa idosa desatualizada ou que pertence a um passado distante; equivale à palavra "matusalém" ou "dinossauro".

